

Romantismo

Franklin de Oliveira *

Imagine que uma pessoa de sua família amanhecesse passando mal. Você chamaria um médico. Depois de examinar longamente o paciente, ele lhe diria: — *Febre*. Você, que não é nenhum idiota, perguntaria pelo motivo da febre, pois sabe que ela é apenas um sinal. Se o organismo do meu enfermo estivesse funcionando dentro dos padrões da normalidade, ele não teria por que estar febril.

Desde bem antes do governo Sarney, a economia brasileira vinha apresentando indícios de queda de vitalidade — quer dizer: de doença. Nesse caso, a febre surgia com outro nome: inflação. Mas os ilustres esculápios convocados para o Ministério da Fazenda não a trataram, senão como doença autônoma. E passaram ao receituário velho como a Sá de Braga: compressão de despesas públicas, cortes nos investimentos do Estado, demissões em massa de servidores públicos, compressão do crédito aos empresários, obrigando-os, por sua vez, a cortar pessoal, reduzir a produção, em síntese, a operar quase no marco zero. Por esta via, o problema econômico ganhou as dimensões de problema social. Trancado o mercado de trabalho, trancado o crédito, as indústrias e o comércio foram compelidos a estreitar ainda mais a produção. Com o mercado do trabalho garroteado, os salários estilhaçados, o consumo entrou em queda vertical, a população desanimou-se de vez. O que antes do Sr. Sarney já era cinza-escuro passou para o negro retinto. Os desempregados não tinham onde arranjar novo emprego. Houve uma semana, em São Paulo, em que o número deles chegou a 1 milhão. Numa cidade então tranqüila como Goiânia, de repente praças e ruas regorgitam de pessoas expulsas do mercado de trabalho. São 170 mil pessoas que perderam o emprego e passam a vagar com o seu desespero e sua fome pelas vias públicas. Diziam os corifeus da República que ai está, caquética e sanguomãga, que a culpa da inflação era delas. Era preciso puni-los.

Ora, inflação não é fenômeno, é epifenômeno. E que é epifenômeno?

É um fenômeno adicional, que se sobrepõe a outro fenômeno, mas sem modificá-lo nem exercer sobre ele influência alguma. Esse epifenômeno surge quando a economia entra em colapso. Quando as atividades produtivas entram em catatonia. Diante disto, que fazer?

Quando a crise de 1929 abalou toda a economia e a sociedade norte-americanas, o presidente Franklin Delano Roosevelt soube o que fazer: criou em todo o país “frentes de trabalho”. Mas Roosevelt era um estadista. Não deixou que os famintos formassem legião ou tombassem nos abismos sem fundo da marginalidade social e da miséria humana. Roosevelt era um homem com experiência pessoal do próprio sofrimento. Não era um Narciso bem engomado. E estancou na própria fonte o caos social, pronto para implodir.

Na democracia, para ser real, existem certos pré-requisitos que não se compatibilizam com a desordem. E a injustiça não se elimina com feijão, arroz e um nico de carne, como pensa o Sr. Marcílio Moreira, esse titere, ao qual deram a tarefa de impedir que o Brasil tenha uma economia auto-sustentada e faça dentro de suas próprias fronteiras o capital de que carece para prosperar. Não foi assim que o Japão, que não tem petróleo, que não tem minérios, saiu da fossa? E hoje está na vanguarda das potências capitalistas?

Não será pedindo aos Estados Unidos que deixem de ser *românticos*, nas suas relações com o Brasil que deixaremos de ser a gigantesca cubata enquistada na América Latina.

* Jornalista e escritor